

Perfil de crescimento e de desenvolvimento econômico brasileiro frente aos países do G8

Sonia Trigueiro de Almeida
Universidade Federal da Paraíba

Résumé

L'étude a fait une analogie parmi les indicateurs socio-économiques des pays du G8 et du Brésil, identifient un profil du développement brésilien. Pour cela, l'auteur s'est basé sur des index comme: IDH, IDE, ISA, index de globalisation, de compétitivité e de chômage. L'objectif primordial de cette analyse est démontrer le positionnement du Brésil par rapport aux pays, considérés les plus développés de la planète. Le parallèle fait dans le présent travail n'as pas l'intention d'être exhaustive. En ce qui concerne la méthode, celle-ci a été réalisé par une revue bibliographique, avec la prise en compte des données statistiques publiées. En plus, l'étude à étudié les concepts de croissance et de développement économique. La recherche est aussi occasionnelle et peut être considérée comme *ex-post-fact*. Les variables étudiées sont quantitatives. Parmi les résultats présentés dans cette étude, un des plus relevant est que le comportement de croissance économique du Brésil ressemble à celui de la Russie dans la majorité des indicateurs et différencie des États Unis surtout pour la question environnementale. Une des conclusions de cette recherche est que l'IDH reste encore un des piliers pour démontrer la différence parmi la croissance économique et le développement sociale.

Mots clés : G8, Développement, Croissance, Compétitivité, Développement durable.

Abstract

The present study, by drawing an analogy between the socio-economic indicators of the G8 countries and Brazil, identifies the Brazilian development profile as a number one goal, both analyzed under the indexes' point of view: IDH, IDE, ISA, of competitiveness, of Globalization, an of Unemployment. The primary objective of this analysis is to show the position of Brazil facing the most developed countries in the planet. The parallel work done does not intend to be exhaustive. As for the methods, it is based on a combination of them: literature, with documentary survey, emphasizing the published statistics, where we studied the concepts of economic growth and economic development. The search is also casual and can still be considered *ex-post- facto*. About the variables studied, it is characterized as quantitative. It presents as one of the most relevant results that the behavior of the economic growth in Brazil is similar to that of Russia in most indicators and differs from the submitted by the United States especially in the environmental aspect. It is also clear that the HDI is one of the pillars of support of the difference between economic growth and development.

Keywords: G8, Development, Growth, Competitiveness, Sustainability.

Resumo

O presente estudo, ao traçar uma analogia entre os indicadores sócio-econômicos dos países do G8 e o Brasil, identifica como meta número um o perfil do desenvolvimento brasileiro, ambos analisados sob o ponto de vista dos índices: IDH, IDE, ISA, de competitividade, de Globalização, e de Desemprego. O objetivo primordial dessa análise é mostrar o posicionamento do Brasil frente aos países, considerados mais desenvolvidos do planeta. O paralelo feito no presente trabalho não tem a pretensão de ser exaustivo. Quanto aos métodos baseou-se numa combinação deles: bibliográfico, com levantamento documental, enfatizando as estatísticas publicadas, onde foram estudados os conceitos de crescimento e desenvolvimento econômico. A pesquisa é também ocasional e pode ainda ser considerada *ex-post-facto*. Quanto às variáveis estudadas ela caracteriza-se como quantitativa. Apresenta

como um dos resultados mais relevantes que o comportamento de crescimento econômico do Brasil assemelha-se com o da Rússia na maioria dos indicadores e difere do apresentado pelos Estados Unidos sobretudo no quesito ambiental. Infere-se ainda que o IDH é um dos pilares de sustentação da diferença entre crescimento econômico e desenvolvimento.

Palavras chave: G8, Desenvolvimento, Crescimento, Competitividade, Sustentabilidade.

1. Introdução

As empresas atuam em ambientes cada vez mais competitivos e complexos, as organizações são permanentemente pressionadas a analisarem o impacto de suas operações. O conceito de estratégia, tão presente atualmente no vocabulário dos profissionais de administração, na realidade tenta passar uma idéia de que a empresa deva se constituir em um elemento de transformação social, de mudança, de desenvolvimento e não simplesmente num negócio (ALMEIDA,; DROUVOT, ; e ALMEIDA, 2007). Entretanto para compreendermos essa transformação devemos priorizar conceitos como: marketing competitivo e crescimento econômico.

2. Referências conceituais

O conceito de marketing, avaliado por Lamb Jr., Hair, Jr. e McDaniel (2004 p.7-15) mostra que se trata de uma filosofia simples e intuitiva. Eles realçam que a justificativa econômica e social para a existência de uma empresa é a satisfação dos desejos e necessidades do cliente, ao mesmo tempo em que atende aos objetivos da organização. [...] Eles observam que o marketing inclui em seu processo atividades de captura, análise e interpretação de informações sobre o ambiente.[...] Obedece à um planejamento mercadológico e, dentro desse processo de planejamento e execução, busca-se o desenvolvimento de uma estratégia de marketing, decidindo exatamente quem satisfazer e quais os desejos que ele espera ser atendidos. Da mesma forma, é preciso que haja a descoberta das expectativas dos clientes em torno dos benefícios que a empresa (organização) pode oferecer (FIGUEIREDO, 1986, p. 16).

Crescimento econômico

O Brasil havia crescido razoavelmente depois da Segunda Guerra e, principalmente, transformara-se de um país baseado na economia agrícola-exportadora em um país que se industrializava.[...] A partir das políticas substitutivas que desenharam a face do Brasil industrializado, passando a ser visto como grande exportador de alimentos e de matérias-primas, o país ainda enfrentava uma economia fechada à concorrência do exterior.[...] Com o choque do petróleo, em 1972, e em 1982 com as turbulências internacionais pesadelos apareceram deixando governantes sem dormir (PASTORE, 2008, p 40-44).

O *milagre brasileiro* dos anos 1970 exibiu taxas de crescimento de 7% ao ano, chegando a ser o país que mais crescia no mundo. Mas em 1980, a economia começou a ser erodida pela inflação e pela moratória da dívida, o país deixou de pagar a dívida externa por duas vezes (GUANDALINI; BORSATO, 2008). Nessas condições não havia espaço para o Estado brasileiro ter alguma interferência no plano global, pois a consciência média dos dirigentes brasileiros se mantinha cerrada às mudanças de paradigma (CARDOSO *In* PASTORE, 2008, p 40-44).[...] As fragilidades do modelo de não-crescimento que nos sufocava na década de 1980 só ficaram mais visíveis depois da queda do muro de Berlim, uma vez que as resistências à globalização diminuíram. Seguindo nesse pensamento, vê-se que o primeiro golpe desferido nas antigas barreiras a uma integração de novo tipo ao mercado internacional foi a abertura comercial.[...] Os temores de que a abertura comercial desorganizaria a indústria nacional não se efetivaram, pelo contrário, foi possível perceber que a grande diversidade industrial herdada do período de crescimento acelerado havia passado bem pelo teste da

abertura comercial da economia, levando efeitos aos anos 1990. [...] Do ponto de vista da integração do Brasil à ordem global, contaram bastante nesse período as mudanças constitucionais e legais que redefiniram o quadro jurídico das relações entre o Estado e as empresas. O objetivo já não era apenas privatizar para liberar o Tesouro do ônus de sustentar algumas empresas deficitárias, mas ter uma estratégia de integração competitiva do país à economia mundial, atraindo capitais e tecnologia do exterior. [...] A falta de compreensão dos efeitos da globalização motivou críticas que, vistas hoje, se mostraram infundadas: a preocupação com o sucateamento da indústria como resultado da abertura dos mercados e o fantasma da *desnacionalização* que as privatizações acarretariam (CARDOSO *In* PASTORE, 2008, p 40-44).

Apesar do otimismo do autor supracitado, professor universitário e também na condição de ex-presidente do Brasil, bem como a implementação de programas governamentais de apoio às exportações como o APEX, nada globalizou a economia brasileira como deveria, prova disso, é a ínfima participação da nação, apenas 1%, no comércio internacional. Conseqüentemente sem um bom *share* no mercado global o país tem menores condições de crescimento.

Especificação da metodologia

O presente trabalho quanto à natureza é exploratório, uma vez que o objetivo e o problema não são conclusivos. Quanto aos métodos baseou-se numa combinação deles: bibliográfico, com levantamento documental, enfatizando as estatísticas publicadas, onde foram estudados os conceitos de crescimento e desenvolvimento econômico. A pesquisa é também ocasional e pode ainda ser considerada *ex-post-facto*. Quanto às variáveis estudadas ela caracteriza-se como quantitativa (MATTAR, 1994, p. 66).

Foram analisados os critérios dos principais indicadores sócio-econômicos mundiais, em um universo delimitado pelos países do G8, mais o Brasil. A partir da pesquisa bibliográfica, foi realizado um cruzamento dos conceitos, através da mensuração da interação existente entre os índices: IDH, PIB, IDE, ISA, Índice de Competitividade, Índice de Globalização, Índice de desemprego. Tanto a escolha dos países quanto a dos indicadores, foi intencional. A análise desenvolvida buscou abranger todos os requisitos dos critérios de excelência dos referidos índices, fazendo uma analogia com os resultados econômicos oriundos da implementação das estratégias empresariais.

Como critério de análise para os índices, será considerado como limite os resultados obtidos por organizações internacionais, bem como as posições obtidas por cada nação. Em seguida para a análise de cada índice, será calculada a média aritmética afim de servir de padrão ao índice do país. Já para ao estudo da posição das nações será feito um intervalo, de forma a atribuir-lhe uma das três categorias da tabela 1. Os valores de X e Y variam de acordo com cada índice e posição, sendo mostrados na base de cada tabela.

Tabela 1: Classificação das categorias

Categorias	Critérios
Elevada	$>X$
Média	$> X < Y$
Fraca	$< Y$

Fonte: elaboração própria.

3. Grupo dos sete e a Rússia (G8)

O Grupo dos Sete e a Rússia, em inglês: *Group of Seven and Russia*, conhecido como **G8**, é um grupo internacional que reúne os sete países mais industrializados e desenvolvidos

economicamente do mundo. Criado a partir de uma idéia do então Presidente francês Valéry Giscard d'Estaing que, em 1975, tomou a iniciativa de reunir os chefes de Estado e de governo, distante de Paris, em Rambouillet (wikipedia..).

Inicialmente eram seis os países: Alemanha, França, Reino Unido, Itália, Japão e Estados Unidos. Essas reuniões passaram a ser anuais e o Canadá foi admitido como sétimo membro do grupo na cúpula de Porto Rico, em 1976. O grupo continuou sendo composto de sete membros até que a Rússia, presente como observadora desde o início dos anos 1990, fosse convidada em 1997 a oficializar a sua participação. A primeira cúpula a oito membros ocorreu, portanto, em 1998. Em cada reunião é discutido temas de interesse do planeta, mesmo que não esteja diretamente relacionado aos membros do grupo. Mesmo assim, o G8 é muito criticado, por um grande número de movimentos sociais, principalmente aqueles que defendem a antiglobalização (wikipedia...).

4. Os índices de crescimento e de desenvolvimento econômico

Nesse trabalho haverá necessidade de se trabalhar com índices de desenvolvimento, afim de compreender porque alguns países do G8 almejam e alcançam determinadas posições, sejam econômicas ou sociais, e outros não conseguem. Além do mais serão feitas comparações dessas nações com o Brasil, considerado um país em desenvolvimento. Entre os índices utilizados estão: IDH, PIB, IDE, ISA, Índice de competitividade, de Globalização, e o Índice de Desemprego.

Os referidos índices foram escolhidos por mostrarem a realidade sócio-econômica dos países estudados, que conscientes ou não, evidenciam se estão implementando estratégias corretas em seus governos, bem como enfatizam se a participação do pólo industrial e produtivo, as empresas, está adequadamente inserida no processo de desenvolvimento global. Além do mais, esses índices são aceitos internacionalmente como parâmetros de crescimento e de desenvolvimento econômico por todos que compõem a economia mundial.

Riqueza mundial

Apesar de ser a oitava economia do mundo, e levando em consideração os momentos eufóricos do ministro Guido Mantega com sua afirmação “o G8 não pode existir sem o Brasil”, ainda assim, vê-se que o Brasil está longe de ser um país com poder econômico mundial ([econlib](#)).

Tabela2: Os cem países mais ricos do mundo

Países	Ranking da riqueza mundial	Categoria
Canadá	10 ^a	Elevada
USA	29 ^a	Elevada
Japão	13 ^a	Elevada
Alemanha	20 ^a	Elevada
França	22 ^a	Elevada
Reino Unido	24 ^a	Elevada
Itália	26	Elevada
Rússia	*	*
Brasil	91	Fraca

Fonte: elaboração própria a partir do PNUD/2008.

*não informado

Intervalo para a posição: ≥ 40 = Elevada; $< 40 > 20$ = Média; ≤ 20 = Fraca

De acordo com a tabela 2, três países do G8 encontram-se entre os vinte mais ricos do mundo: Canadá, Japão e Alemanha. Ao analisar a riqueza das nações do bloco G8 no tocante a posição mundial, sete delas são consideradas elevadas, apenas a Rússia não consta da lista. O

Brasil inexplicavelmente com a 91^a posição ocupada em riqueza mundial, apresenta uma categoria fraca com relação aos países do G8.

Produto Interno Bruto PIB

O **produto interno bruto (PIB)** representa a soma (em valores monetários) de todos os bens e serviços finais produzidos numa determinada região (quer seja, países, estados, cidades), durante um período determinado (mês, trimestre, ano, etc). O PIB é um dos indicadores mais utilizados na macroeconomia com o objetivo de mensurar a atividade econômica de uma região. Na contagem do PIB, considera-se apenas bens e serviços finais, excluindo da conta todos os bens de consumo de intermediário ou seja os insumos. Isso é feito com o intuito de evitar o problema da *dupla contagem*, quando valores gerados na cadeia de produção aparecem contados duas vezes na soma do PIB (PNUD, 2008).

Países podem ter um PIB elevado por serem grandes e terem muitos habitantes, mas seu PIB *per capita* ser baixo, já que a renda total será dividida por muitas pessoas (ggdc). É o caso dos Estados Unidos, que tem um PIB elevado, entretanto possui categoria média com relação ao G8.

Tabela 3: O PIB e o índice dos países

Países	PIB <i>Per Capta</i> Mil U\$	Índice do PIB	Categoria PIB/Índice
Canadá	33.375	0.970	Elevada/Elevada (0.017)
USA	41.890	1.000	Média/Elevada (0.047)
Japão	31.267	0.959	Elevada/Elevada (0.006)
Alemanha	29.461	0.949	Elevada/Fraca (-0.004)
França	30.386	0.954	Elevada/Elevada (0.001)
Reino Unido	33.238	0.969	Elevada/Elevada (0.016)
Itália	25.529	0.944	Fraca/Fraca (-0,009)
Rússia	5.316	0.956	Fraca/Fraca (-0.003)
Brasil	8.606	0.883	Fraca/Fraca (-0.007)

Fonte: elaboração própria, a partir do PNUD, 2008.

Média do PIB mundial= 26.563 mil U\$

Média do Índice do PIB=0.953

Intervalo para o índice: ≥ 0.04 = Elevada; $< 0.04 > 0.09$ = Média; ≤ 0.10 = Fraca

Intervalo para o PIB: ≥ 25 mil U\$ =Fraca; $< 25 > 15$ mil U\$ = Média; ≤ 15 mil U\$ =Elevada

Há casos cujo índice do PIB é mais baixo, passando a ter uma categoria fraca com relação ao bloco, como a Alemanha. Entretanto países como Canadá, Japão, França e Reino Unido mantiveram seus resultados, na categoria elevada, quando comparados aos demais do grupo.

Em se tratando do PIB *per capita* o Brasil tem muito a melhorar pois apresenta um resultado muito fraco comparado com a maioria dos países do G8, exceção feita com relação à Rússia e a Itália, cujas categorias também são fracas. Porém, o PIB *per capita* brasileiro ainda consegue ser um pouco superior ao russo.

Índice de Desemprego

No Brasil, o índice de desemprego é calculado pelo IBGE e mede o percentual de pessoas que estão procurando emprego nas seis maiores cidades brasileiras: Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo. Essas capitais concentram a maioria da população e dos empregos do país. A taxa oficial considera empregadas as pessoas absorvidas pelo setor informal, que representam mais da metade dos trabalhadores brasileiros. Quanto mais baixo for o índice melhor será para o país (ANUÁRIO ESTATÍSTICO, 2008).

O índice de desemprego aumentou para 9,2% em janeiro, alta de 0,9 pontos percentual em relação a dezembro do ano passado, quando a taxa ficou em 8,3%, e queda de 1 ponto em relação a janeiro de 2005 (IBGE, 2008).

Tabela 4: O quantitativo de desempregados e o Índice de Desemprego dos países

Países	Total de pessoas <i>Em milhares</i>	Desemprego/Tot al de pessoas <i>Em milhares</i>	Categoria Quantitativo/índice
Canadá	1.106.000	6,3	Elevada/Fraca (-0.13)
Japão	2.730.000	4,1	Elevada/Fraca (-2.33)
França	2.729.000	9,4	Elevada/Elevada (2.97)
Estados Unidos	7.002.000	1,6	Média/Elevada (4.83)
Reino Unido	7.002.000	4,6	Média/Fraca (-1.83)
Itália	1.673.060	6,8	Elevada/Média (0.37)
Alemanha	4.250.000	8,4	Elevada/Média (1.97)
Rússia	5.775.000	7,8	Média/Média (1.37)
Brasil	8.208.227	8,9	Média/Elevada (2.47)

Fonte: Elaboração própria a partir de IBGE/2008, p.318.

Média do Índice= 6.43.

Média do quantitativo de desempregados= 4.497.254

Intervalo para o índice: ≥ 2.0 = Elevada =; $< 2.0 > 1.0$ = Média; ≤ 1.0 = Fraca

Intervalo para a posição: $\geq 4.000.000$ = Fraca; $< 4.000.000 > 1.000.000$ = Média; $\leq 1.000.000$ = Elevada

Na tabela 4, observa-se que o menor índice de desemprego dos países do G8 pertence aos Estados Unidos, seguido de Japão e Reino Unido, mesmo assim ainda essa nação possui um quantitativo de desempregados elevado. Entretanto na análise do grupo, respeitada a proporcionalidade, são os americanos que apresentaram comportamento idêntico ao dos brasileiros. Canadá e Japão estão com resultados similares, embora tenham mostrado índices próximos, o quantitativo de pessoas desempregadas é diferente, sendo maior para os nipônicos.

Já a Itália e a Alemanha, são idênticas em termos de categorias, embora o constrangimento de possuir maior quantidade de desempregados pertença à Alemanha. A Rússia nesse aspecto, posiciona-se como mediana, diferindo mais uma vez da análise dos demais índices, onde vinha apresentando resultados parecidos com os do Brasil.

Apesar de França e Brasil possuírem altos índices de desemprego, existe menos franceses sem ocupação que os brasileiros. Somente um crescimento acelerado é que estimulará a criação de empregos, ao mesmo tempo em que poderá haver uma tendência de queda da taxa de juros.

Índice de investimentos externos (IDE)

As transformações no processo produtivo e o deslocamento de capitais para realizarem investimentos diretos em terceiros países mudaram o panorama da economia internacional. Basta dizer que hoje operam, segundo dados da UNCTAD, cerca de 77 mil empresas multinacionais, das quais nota-se uma participação crescente delas com origem em países em desenvolvimento. Para se ter uma idéia, de 1998 a 2006, o número de multinacionais com origem nos países desenvolvidos, cresceu 28%, frente a um crescimento de 117% nos países em desenvolvimento, representando hoje, respectivamente, 72% e 28% do total de multinacionais no mundo (GIAMBIAGI; BARROS, 2008, p. 30; UNCTAD, World Investment Report, 2006.).

Quanto maior é a taxa de IDE de um país, maior é o crescimento da capacidade produtiva doméstica. Países que conseguem combinar um bom crescimento doméstico com a manutenção de superávits comerciais elevados são aqueles cujas taxas de investimentos são elevadas (BANCO MUNDIAL, 2008). No conjunto, o processo de divisão internacional do

trabalho bem como a distribuição das fontes de investimentos entre outros, traçaram um novo mapa dos IDE's. Levados pela oferta de capital estrangeiro, os países procuraram nessa possibilidade uma forma de sair em busca do desenvolvimento. As empresas exerceram um papel importante, elaborando estratégias de diversificação e de ampliação dos produtos com o intuito de galgarem novos mercados. Os governos por sua vez, tiveram de apoiá-las nesta jornada.

Entre os países do G8, o Reino Unido, França e Canadá foram os que mais buscaram fontes de investimento externas, confira na tabela 5. O primeiro possui categoria elevada, sendo um resultado que sinaliza crescimento para o país. Porém França e Canadá são diferentes, ambos são de categorias fracas.

Tabela 5: O IDE dos países

Países	Entrada Líquida de Investimento Direto do Estrangeiro (mil U\$)	Categoria Posição/índice
Canadá	3,1	Fraca(0.77)
Japão	0,1	Fraca(-2.23)
França	3,3	Fraca(0.97)
Estados Unidos	0,9	Média(-1.43)
Reino Unido	7,2	Elevada(4.87)
Itália	1,1	Média(-1.23)
Alemanha	1,1	Média(-1.23)
Rússia	*	*
Brasil	1,9	Fraca (0.43)

Fonte: PNUD, 2008, p. 308. *Não informado.

Média do índice= 2.33

Intervalo para o índice: ≥ 2.0 = Elevada =; $< 2.0 > 1.0$ =Média; ≤ 1.0 = Fraca

Os Estados Unidos e a Alemanha possuem comportamento fraco com relação ao índice, dentro do bloco. Apesar deste comportamento idêntico, os Estados Unidos, dentre os demais, foram os que menos fizeram uso desse tipo de recursos, evidenciando um nível de crescimento mais lento que os ingleses, franceses e canadenses. Já a Itália no que diz respeito ao índice é também fraca, equiparando-se a Japão, Estados Unidos, Alemanha e Brasil.

O Brasil apresenta uma categoria fraca e não se encontra numa condição favorável, pois não recorreu bastante a esses recursos, e isso mostra a situação de não crescimento da nação brasileira. Esse resultado não é bom, porque um país que deseje crescer necessário se faz que recorra aos investimentos externos.

Passando a segunda parte da proposta deste trabalho, onde se analisa os indicadores que enfatizam bastante a questão do desenvolvimento econômico.

Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)

O IDH é um índice de desenvolvimento, que leva em consideração três dimensões e quatro variáveis: expectativa de vida, alfabetização adulta, quantidade de alunos matriculados em escolas e universidades e riqueza *per capita*. Criado pelo paquistanês Mahbub ul Haq com a colaboração do economista indiano Amartya Sen. Apesar de seu cálculo ter iniciado nos anos 50, começou a ser divulgado apenas em 1990. A partir desta data, a ONU apresentou-o à comunidade internacional, cuja proposta inicial era que, através do IDH o desenvolvimento de um determinado país fosse medido à luz de parâmetros outros que não apenas a renda *per capita* (AMAZONAS; NOBRE, 2002).

Desde então, passou a ser considerado um parâmetro relevante tanto pelos investidores quanto pelos empresários e todos que lidam com desenvolvimento econômico das nações . Sendo

atualmente o indicador mais conhecido internacionalmente para avaliar a qualidade de vida das populações nas fronteiras delimitadas de países, estados, regiões e cidades (PNUD, 2008).

Ele parte do pressuposto de que para aferir o avanço de uma população não se deve considerar apenas a dimensão econômica, mas também outras características sociais, culturais e políticas que influenciam a qualidade da vida humana. Por isso além de computar o PIB *per capita*, depois de corrigi-lo pelo poder de compra da moeda de cada país, o IDH também leva em conta dois outros componentes: a longevidade e a educação. Para aferir a longevidade, o indicador utiliza números de expectativa de vida ao nascer. O item educação é avaliado pelo índice de analfabetismo, medida para aqueles com 15 ou mais anos e, pela taxa de matrícula em todos os níveis de ensino, auferida para as pessoas com idade entre 7 e 22 anos. (PNUD, 2008).

As críticas mais frequentes sobre o IDH dos países dizem respeito a sua metodologia. Na opinião do especialista britânico Stephen Morse, a classificação sobre desenvolvimento humano feita pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento é artificial e não leva em consideração aspectos importantes como o desenvolvimento sustentável. Ainda segundo Morse, a ONU apenas divide os países em três categorias de desenvolvimento: alto, médio e baixo. Entretanto, mesmo criticado e com suas imperfeições, o IDH cumpre um papel importante ao chamar a atenção de governos e da mídia para sucessos e fracassos de políticas de desenvolvimento humano nos diferentes países avaliados. Desta forma, países com nota igual ou superior a 0,800 são considerados de alto desenvolvimento humano, pelo PNUD.

Quando foi criado, o IDH tinha como um de seus propósitos provar que apenas crescimento econômico não bastava. Era necessário que, de alguma forma, a população sentisse as melhorias advindas do aumento da renda, ou seja, o IDH é um dos pilares de sustentação da diferença entre crescimento e desenvolvimento econômico. Dessa forma, encontraram-se pequenas semelhanças e muitas divergências.

De acordo com a tabela 6, países do G8 com uma boa posição no ranking do IDH, como Canadá (4^a), possui categoria elevada em ambos: índice e posição no grupo dos desenvolvidos. Já nações posicionadas como elevadas com relação ao grupo, podem ter uma categoria média quanto ao índice, como é o caso do Japão, Estados Unidos, França e Itália. Entretanto países como Alemanha (22^a), cuja posição é mais distante daquela ocupada pelo Japão, tem categoria média no G8.

Tabela 6: Os IDH's e as posições dos países

Países	Posição	IDH	Categoria Posição/índice
Canadá	4 ^a	0,961	Elevada/Elevada(0.046)
USA	12 ^a	0,951	Elevada/Média(0.036)
Japão	8 ^a	0,953	Elevada/Média(0.038)
Alemanha	22 ^a	0,935	Média/Média(0.020)
França	10 ^a	0,952	Elevada/Média(0.037)
Reino Unido	16 ^a	0,946	Elevada/Média(0.031)
Itália	20 ^a	0,941	Elevada/Média(0.026)
Rússia	67 ^a	0,802	Fraca/Fraca(-0.113)
Brasil	70^a	0,800	Fraca/Fraca(-0.115)

Fonte: elaboração própria a partir do PNUD/2008.

Média do IDH = 0.953

Intervalo para o índice: ≥ 0.04 = Elevada; $< 0.04 > 0.09$ = Média; ≤ 0.10 = Fraca

Intervalo para a posição: ≥ 40 = Fraca; $< 40 > 20$ = Média; ≤ 20 = Elevada

Na condição de entrante ao mundo dos desenvolvidos o Brasil (70^a) posiciona-se como fraco, tanto no tocante ao índice quanto a posição, apresentando comportamento idêntico ao da Rússia.

O país assumiu a condição de desenvolvido segundo Relatório de Desenvolvimento Humano versão de 2007/2008, com um IDH de 0,800(PNUD, 2008). Entretanto sua evolução pode ser explicada muito mais pelos avanços sociais relativos ao acesso à educação e ao aumento da expectativa de vida ao longo dos últimos anos – fruto de políticas voltadas ao atendimento familiar, saúde preventiva e saneamento básico, do que especificamente pelo crescimento da renda. Mas ainda faltam muitos degraus para que o Brasil esteja num lugar satisfatório em termos de crescimento, de poder econômico, e de desenvolvimento.

Índice de Globalização

A forma atual de globalização, é um amálgama específico entre cultura, política e sociedade que, embora não suponha o molde ocidental de democracia, supõe certa flexibilidade tanto nas instituições como nas sociais (GIAMBIAGI; BARROS, 2008, p. 17). Essa flexibilidade vem no sentido de que, empresários e governo devem redimensioná-las na busca de um resultado melhor. Pois essas características não substituem nem modificam fundamentalmente o modo de funcionar do sistema capitalista, mas dão-lhe recursos novos de adaptação às circunstâncias. Assim sendo, cada país deve encontrar seu norte, e que seja o certo, na busca por um grau de capitalismo adequado aos novos padrões de globalização, trabalhando nas empresas e nas instituições as características que ser-lhe-ão apropriadas.

O índice de Globalização, elaborado pela consultoria AT Kearney e pela revista *Foreign Policy* – mede o nível de globalização de 72 países, dos 20 mais globalizados do planeta, levando em consideração as seguintes variáveis (FOREING POLICY...):

1. No comércio internacional: percentual do comércio externo no PNB e grau de convergência entre os preços domésticos e os preços mundiais;
2. Na área financeira: investimento direto estrangeiro e investimento direto no estrangeiro bem como movimentos de capital de "portfólio" ;
3. No cosmopolitanismo: turistas (entradas) e viajantes (saídas) em % da população, chamadas internacionais (minutos per capita) e remessas em % do PNB ;
4. Na Internet e "webização" do país, utilizadores da Net em termos absolutos e em % da população, número de "hosts" *per capita* e número de servidores seguros per capita.

Na versão 2007, o índice incorporou mais dez países que em 2006 e analisa a integração econômica, humana, política e tecnológica internacional. Juntos esse países compõem 97% do Produto Interno Bruto (PIB) mundial e 88% da população do planeta. E a nova versão é composta de 12 variáveis agrupadas em quatro categorias: integração econômica (nível de comércio internacional e aumento do Investimento Direto Estrangeiro - IDE); relações interpessoais (viagens e turismo, contactos telefônicos, transferências); tecnologia (utilizadores da Internet, *hosts* e segurança dos mesmos) e compromissos políticos: organizações internacionais, missões de paz, tratados e transferências governamentais (FRANCO, 2007)

Sendo assim, será possível dizer que a convergência entre a lista do IDH e a lista dos países mais globalizados do mundo indica que aqueles mais desenvolvidos do ponto de vista humano tendem a ser também os mais globalizados. As principais regiões do mundo, incluindo países desenvolvidos e em desenvolvimento, estão cobertas a fim de fornecer uma ampla e comparativa visão da integração global (SWISSINFO, 2008). Detalhando um pouco

mais, o índice mede a globalização em quatro dimensões: pessoal, econômica, tecnológica e política (todas com sub-dimensões). Em 2004, o Brasil, 57º no ranking; perdeu quatro posições. Assim, durante o último ano do governo Lula, ficamos – conhecidos como um dos mais "desglobalizados" (**Erreur ! Référence de lien hypertexte non valide.**ATKEARNEV).

De acordo com a revista *Foreign Policy*, a pesquisa acompanha as mudanças em componentes chave da integração global, como integração econômica e relacionamento político, uso da internet e participação em operações pela paz ligadas à integração econômica e conectividade pessoal (FORUM, 2008).

Nesse índice a análise será feita em cima da posição, pois o conjunto dela é formado por outros indicadores, variando muito de um para outro. Por exemplo, um país pode ter um ótimo resultado na tocante a conectividade e não ser considerado global, por que vai depender dos demais, tais como adesão a acordos internacionais (KOF, 2005; ATKEARNEY; PNUD, 2008).

O Índice de Globalização calculado pela Universidade de Colúmbia, e criado por Xavier Saba Martin leva em consideração os seguintes indicadores econômicos: engajamento político do país, relacionamentos interpessoais, comércio, investimento, viagens e turismo, adesão a tratados internacionais. Portanto, países com índices maiores ou iguais a 4.66 são considerados competitivos (WORLD TRADE 2007, 2008; PNUD, 2008).

Entretanto segundo o Índice de Globalização de 2007, mostrado na tabela 7, somente três países que pertencem ao G8: Estados Unidos, Canadá e Reino Unido estão entre os vinte mais globalizados, todos com IDH maior ou igual a 0,90 e possuindo categoria elevada na comparação com o bloco. Por outro lado, na lista dos países com maiores IDH's mundiais, somente Japão, França e Itália não estão entre os vinte mais globalizados do planeta. Nesse estudo, essas nações quando comparadas têm categoria média. Bem distante destes, está a Rússia, cuja categoria é fraca com relação ao bloco (ATKEARNEY;<http://www.foreignpolicy.com/> SWISSINFO, 2008).

O Brasil, com uma ínfima participação no mercado mundial, é também um dos países menos globalizados do planeta. Explicações, certamente, não faltam para esse posicionamento. A política externa adotada pelo país nos últimos anos, a rejeição de participar do mercado internacional preferida por muitas empresas, conduziram a esse resultado. O Brasil encontra-se em 52º lugar no ranking do KOF, sendo 86º em globalização social e 16º em integração política com o mundo. Entretanto quando comparado com os países do G8 possui categoria fraca (KOF, 2008).

Tabela 7: A posição da Globalização dos países

Países	Posição	Categoria
Canadá	8 ^a	Elevada
USA	7 ^a	Elevada
Japão	28 ^a	Média
Alemanha	22 ^a	Média
França	25 ^a	Média
Reino Unido	12 ^a	Elevada
Itália	34 ^a	Média
Rússia	47 ^a	Fraca

Brasil	52^a	Fraca
---------------	-----------------------	--------------

Fonte:elaboração própria a partir de KOF, 2008.

Intervalo para a posição: ≥ 40 =Fraca; $< 40 > 20$ = Média; ≤ 20 =Elevada

Apesar do avanço, o Brasil continua entre os dez últimos, demonstrando que ainda tem um longo caminho a percorrer. Particularmente, o comércio internacional é muito fraco em termos de "standards" internacionais, o que reflete a experiência brasileira anterior de desenvolvimento baseado na substituição de importações. O país revela, também, um baixo nível de contactos pessoais com o resto do mundo, tem uma grande parcela da população que sofre com a desigualdade na distribuição do rendimento. Contudo, algumas medidas podem ser tomadas para baixar o custo das chamadas internacionais ou desenvolver ainda mais o turismo (GRC.;WEFORUM).

Índice de Competitividade

Dentro do conceito de conteúdo da estratégia, diversos autores procuram definir critérios competitivos (MARTINS; LAUGENI, 2006). Slack (1997) resume a contribuição desses autores e indica cinco critérios como fundamentais para a competitividade: a) Custo: Este atributo significar fabricar produtos a custos mais baixos do que os concorrentes; b) Qualidade: este atributo extrapola os aspectos relativos a produto e processo, e envolve dimensões como desempenho intrínseco e características secundárias do produto, conformidade, durabilidade, serviços associados, estética e a própria qualidade percebida; c) Flexibilidade: é definido como a capacidade em variar e adaptar a operação rapidamente às mudanças do ambiente (necessidades dos clientes, fornecedores, máquinas); d) Velocidade de Entrega: consiste na capacidade da área de manufatura em conseguir ter um *lead time* cada vez menor, e que cada vez mais vem se tornando um critério decisivo na conquista de clientes e mercados; e) Confiabilidade de entrega: frente à tendência das empresas de reduzir estoques, aumentam os riscos de parada das linhas de produção devido a atrasos no recebimento de insumos dos fornecedores.

Tabela 8:A posição e o Índice de Competitividade dos países

País	Posição	Índice	Categoria Posição/índice
Estados Unidos	1 ^a	5.67	Elevada/ Fraca
Canadá	13 ^a	5.34	Média/ Fraca
Itália	46 ^a	4.36	Fraca/ Fraca
Japão	8 ^a	5.43	Elevada/ Fraca
Alemanha	5 ^a	5.51	Elevada/ Fraca
Reino Unido	9 ^a	5.41	Elevada/ Fraca
França	18 ^a	5.18	Média/ Fraca
Rússia	58 ^a	4.19	Fraca/Fraca
Brasil	72^a	3.99	Fraca/Fraca

Fonte: Elaboração própria a partir de www.grc.weforum.org

Média do índice= 5.00

Intervalo para a posição: ≥ 40 =Fraca; $< 40 > 20$ = Média; ≤ 20 =Elevada

Intervalo para o índice: ≥ 0.04 = Elevada; $< 0.04 > 0.09$ = Média; ≤ 0.10 = Fraca

Dentre os países mais competitivos do mundo, segundo o "Global Competitiveness Index 2007-2008" do World Economic Forum, há quase a totalidade do G8 conforme vê-se na Tabela 8, onde Estados Unidos, Alemanha e Japão encabeçam a lista dessas nações. Segundo

a análise da posição os países do G8 que são considerados de categoria elevada na comparação com o bloco são: Estados Unidos, Japão, Alemanha e Reino Unido. Entretanto no tocante ao índice são fracos. Quando comparados com os demais do G8, Canadá e França ocupam categoria média no que diz respeito a posição, porém são fracos no quesito competitividade.

Apesar de essas nações estarem entre as mais desenvolvidas, de acordo com esse índice duas delas não podem ser consideradas competitivas, uma vez que apresentam um índice inferior a 4,66: Itália, Rússia. Todos com resultados idênticos e aquém do exigido pelo índice apresentam categoria fraca, posicionando-se como menos competitivos no planeta. O Brasil não foge a regra e apresenta semelhança com elas, porém possui o mais baixo índice.

Índice de sustentabilidade ambiental (ISA)

O aspecto holístico da sustentabilidade é uma das grandes dificuldades para sua conceituação e a definição de seu escopo. O meio ambiente é um conjunto de interações no qual o homem tem papel fundamental. Refletir essa interação através de sistemas de indicadores torna-se uma tarefa complexa. Por consequência, é difícil encontrar índices que vislumbrem a complexidade do tema e sejam de fácil entendimento (BESSERMAN, 2003).

O Índice de Sustentabilidade Ambiental (*Environmental Sustainability Index*) foi apresentado em 2002 no Fórum Econômico Mundial por pesquisadores de duas universidades americanas: Yale e Columbia. Sua primeira versão continha 68 variáveis referentes a 20 indicadores, resultando num valor agregado, e foi calculado na época para 142 países. [...] Já na versão de 2005, o índice foi feito para 146 países com o acréscimo de mais um indicador totalizando 21 indicadores de sustentabilidade ambiental que resultam num índice que varia de 0 a 100, sendo 100 a melhor avaliação. O ISA tem como objetivo central comparar a habilidade de países na proteção do seu meio ambiente não apenas no tempo presente, mas também para as próximas décadas. [...] A busca por sustentabilidade direciona o índice para se preocupar não apenas com a situação atual, mas também com as ações necessárias para que a melhoria aconteça. A cada ano, o ISA sofre algumas alterações sempre com o objetivo de refletir melhor os aspectos que envolvem a construção de um desenvolvimento baseado na qualidade de vida do homem e do meio ambiente (VEIGA, 2005).

Desenvolvido com o propósito de ser um instrumento de auxílio dos tomadores de decisão no que tange à questão ambiental de seu local ou nação, o ISA também foi pensado como uma alternativa ao PIB e ao IDH na avaliação do progresso de um país, e também como complemento aos dois índices, na medida em que possibilita uma análise segundo uma ótica ambiental. [...] Apesar de a fórmula de cálculo do índice ser de domínio público, sua construção é extremamente complexa. [...] A Capacidade Sócioinstitucional compreende a mensuração da qualidade das organizações públicas e privadas, da quantidade de instituições democráticas existentes, das iniciativas das duas esferas (pública e privada) em prol dos objetivos da Agenda 21 e do número de companhias certificadas com a ISO 14001, entre outros (AGENDA 21. Disponível em: <<http://intranet/Meioambiente/serlet>> Acesso em: 1º outubro 2008; ONU, 2005).

A razão para alguns comportamentos está nas boas notas obtidas pelos países nos quesitos de Qualidade Ambiental, Redução da Poluição e Responsabilidade Global do ISA. As economias dos países mais desenvolvidos de industrialização avançada estão associadas a grandes fluxos de energia e materiais, que exercem pressões ambientais captadas pelos componentes do ISA.

O cuidado com o meio ambiente e a manutenção das potencialidades do desenvolvimento em bases sustentáveis é um desafio tanto para os países desenvolvidos quanto para os países em desenvolvimento e os de baixíssima renda. Deve-se ressaltar também que a heterogeneidade

do ISA é bastante elevada, bem maior que a do IDH. É difícil encontrar países com extremos nos componentes do IDH, ou seja, um país de alta renda e baixa expectativa de vida.

Tabela 9: A posição e o ISA dos países

Países	Posições	Índices	Categoria Posição/índice
Canadá	6 ^a	64,400	Elevada/Média (8.600)
Japão	29 ^a	57,000	Média/Fraca (1.200)
França	34 ^a	52,200	Média/Fraca (3.600)
Estados Unidos	44 ^a	53,000	Fraca/Fraca (-2.800)
Reino Unido	65 ^a	50,200	Fraca/Média (5.600)
Itália	68 ^a	50,100	Fraca/Média (5.700)
Alemanha	30 ^a	57,000	Média/Fraca (1.200)
Rússia	32 ^a	56,100	Média/Fraca (300)
Brasil	11 ^a	62,200	Elevada/Média (6.400)

Fonte:Elaboração própria a partir de Martins; Ferraz e Costa,2006, p.151-152.

Média do índice= 55.800

Intervalo para o índice: ≥ 10.000 Elevada =; $< 10.000 > 5.000$ =Média; ≤ 5.000 = Fraca

Intervalo para a posição: ≥ 40 =Fraca; $< 40 > 20$ = Média; ≤ 20 =Elevada

Por outro lado, o ISA é constituído por componentes tão díspares quanto a qualidade dos sistemas ambientais e a capacidade sócioinstitucional. Ou seja, um país pode ter áreas preservadas, com baixa atividade econômica, o que pode favorecer a qualidade do ar e a biodiversidade, por exemplo, e ao mesmo tempo apresentar baixos índices de ciência e tecnologia e governança ambiental (MARTINS, A. R.; FERRAZ, F. T.; COSTA, M. M da, 2005, p. 139-162).

Desta forma na versão de 2005 do ISA, figuram nações que estão fora do G8, e outras com maior pontuação que países do bloco. Dentre os índices analisados neste texto, o resultado do ISA brasileiro é o melhor, pois apesar do Canadá ocupar posição de destaque dentro do bloco, é o Brasil que chama atenção apresentando uma excelente 11^a posição. Equiparando-se aos canadenses, conforme pode-se constatar na tabela 9.

Alemanha e Japão, como estão muito próximos em termos de posicionamento e índices, possuem comportamentos idênticos, categorias média e fraca, quando comparados aos demais países do G8. A França embora esteja um pouco mais distante desses, quando comparada as outras nações apresenta as mesmas categorias.

Os Estados Unidos, ao contrário do Brasil, apresentaram os piores resultados dentre os que foram analisados neste trabalho, - fraco para ambos posição e índice-, e isso possivelmente está relacionado com a sua visão às questões ambientais do planeta. Já Itália e Reino Unido, mostram resultados similares, tanto quanto a posição como ao índice. No quesito ambiental, a Rússia fugiu de um comportamento até então parecido com o do Brasil, e apresentou categorias díspares.

O Brasil na análise desse índice apresentou um dos melhores resultados- categorias elevada e média-, o que mostra ao mundo que seus governantes ainda estão tendo atitudes responsáveis com as questões ambientais.

5. O perfil do crescimento e do desenvolvimento econômico do Brasil frente ao G8

Os resultados do estudo mostram que a nação brasileira encontra-se em quatro estágios de situação econômica:

- a) *Aquém da média*- Conforme os dados, o Brasil ocupa situações constrangedoras com relação aos índices de Riqueza Mundial, PIB, Índices de Competitividade e de Globalização quando comparados com os países mais desenvolvidos do mundo.
- b) *No limite*- o Brasil a partir de 2008 entrou para o mundo dos desenvolvidos porém ocupa a última posição (70^a) portanto está no limite deste índice, com um IDH de 0,800.
- c) *Na média*- Ao analisar o índice de desemprego, o Brasil ocupa uma posição mediana (8,9) com relação aos demais países do G8.
- d) *Além da média* – somente no tocante ao quesito ambiental a posição da nação brasileira é confortável, quando comparada com as demais do bloco analisado, apresentando um ISA, o segundo melhor do bloco analisado, portanto acima dos apresentados pelas nações do G8, com exceção apenas para o Canadá.

6. Considerações finais

No caso brasileiro, apesar dos desafios, dificuldades e temores, está claro que o Brasil participa descentemente da economia globalizada, possui amplo mercado interno e poderá oferecer melhores condições de vida à população. Segundo o economista Octavio de Barros o Brasil ingressou na vida adulta e isso se trata da recompensa pelos quase 15 anos de política econômica responsável. O país deve perseverar na execução dessa política séria e previsível (GUANDALINI e BORSATO, 2008, p. 58). A dupla condição de país industrializado que dispõe de amplos recursos naturais e de uma agricultura tecnicamente avançada permite-nos desenvolver uma estratégia de longo prazo para transformar as vantagens de momento em garantia de futuro: tornando-se competitivo.

A capacidade política e diplomática para fazer acordos de comércio ou para aproveitar os espaços abertos pelas divergências entre os grandes parceiros abre alternativas aos menos poderosos. E abrindo-se para o mundo o Brasil passa a bola para os empresários que devem incrementar uma política de desenvolvimento de longo prazo que crie uma espécie de macro parceria público-privado afim de utilizar os recursos a serem gerados, por exemplo, pela exploração dos megacampo de gás e petróleo, permitiria dar enorme impulso ao desenvolvimento da educação e aos investimentos em infra-estrutura.

Os países novatos na globalização estão se dispondo a utilizar suas reservas nacionais, de petróleo, de florestas ou de águas, como fator de poder. E oxalá os recursos oriundos da exploração dessas riquezas naturais, destinem à educação, afim de melhorar os indicadores que compõem o IDH bem como os demais índices.

Principais conclusões

Após as análises dos indicadores apresentados neste texto podemos concluir, em primeiro lugar, que o IDH é realmente um dos pilares de sustentação da diferença entre crescimento e desenvolvimento econômico. Quase todo país que apresenta um bom IDH, e um elevado índice de competitividade, conseqüentemente, tende a ser um lugar desenvolvido. Em meio termo encontra-se a globalização, cujos resultados mostraram entre outros, ser possível existir países extremamente globalizados com baixos IDH's, e as vezes pouco desenvolvidos.

Pela sua constituição e pelo seu cálculo, o único índice que foge a essa regra é o ISA. Conforme mostrado no artigo, é factível ter lugares com alto ISA, porém com baixos IDH's e considerados pouco globalizados.

Em seguida, percebe-se que o perfil de crescimento e de desenvolvimento do Brasil e da Rússia estão muito próximo em vários dos indicadores analisados, exceções feitas para o desemprego e o quesito ambiental. Sendo assim, não é impossível se pensar numa futura participação dos brasileiros no grupo dos mais desenvolvidos e competitivos do mundo. Entretanto, essa visão é isolada para russos e brasileiros, pois quando se analisa o Brasil com os países do G7, os resultados não são favoráveis para a nação brasileira em muitos dos aspectos estudados.

Uma terceira conclusão pode ser feita quanto ao IDE, cujos resultados baixos mostram que os países não estão crescendo economicamente e conseqüentemente não se desenvolvem. Exceção apenas para o Reino Unido.

Uma quarta e última conclusão refere-se ao que crescimento econômico como condutor de poluição, pois em geral as nações mais desenvolvidas são também aquelas mais relaxadas e desligadas dos problemas ambientais. Ou seja, um país com IDH baixo pode apresentar uma ótima posição quanto ao quesito ambiental, sendo o inverso também verídico.

Limites e futuros estudos

Um primeiro limite consiste exatamente na proposição do artigo: comparar o Brasil, um país entrante no mundo dos desenvolvidos, com um bloco composto pelas nações mais desenvolvidas e também mais competitivas do planeta. Em seguida tem-se como limitador a própria origem dos índices, que como dados secundários, o pesquisador não tem nenhum controle sobre como foi feita a coleta e o cálculo desses indicadores.

Como contribuição de estudos futuros, sugiro a realização de pesquisas mais aprofundadas desses indicadores, com países de outros blocos econômicos e o Brasil afim de se ter um perfil da nação brasileira frente aos mesmos. Estudos dessa natureza poderão apoiar cientificamente hipóteses de que desenvolvimento é um pouco diferente do simples crescimento econômico.

7. Referências

- AGENDA 21. Disponível em: <<http://intranet/Meioambiente/serlet>> Acesso em: 01 out. 2008.
- ALMEIDA, S. T. de ; DROUVOT, H.; e ALMEIDA, H. T. de; *Analyse des Strategies Marketing des Entreprises Brésiliennes de L'industrie de Luxe, selon la Perception de L' Image du Pays: une étude théorique* . 4 IFBAE, UFRGS, Porto Alegre, 2007.
- AMAZONAS, M. C.; NOBRE, M. **Desenvolvimento sustentável: a institucionalização de um conceito**. Brasília: Ibama, 2002.
- ATKEAMEY. Disponível em: <www.atkearney.com/shared_res/pdf/Globalization-Index_FP_Nov-Dec-06_S.pdf>
- BANCO MUNDIAL. "Global Competitiveness Index 2007-2008" do World Economic Forum (WEF). 2005 **International Comparisons Program**- Preliminary Results.
- BESSERMAN, S. Indicadores. In: TRIGUEIRO, A. A. (org.). **Meio ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003. p. 91-106.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Secretaria do Desenvolvimento da Produção. Anuário estatístico. Brasília: SDP, 2008. 69p.
- BRASIL sobe no ranking da globalização. **Revista Época**. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG62992-6012,00-BRASIL+SOBE+NO+RANKING+DA+GLOBALIZACAO.html>>
- CEIP. Disponível em: <www.ceip.pt>
- ECONLIB. Disponível em: <www.econlib.org/library/CEE.html>
- FIGUEIREDO, Carlos. **Técnicas de campanha eleitoral**. São Paulo: Ibrasa, 1986.
- FOREIGN POLICY. Disponível em: www.foreignpolicy.com Acesso em: ago 2008

- FORUM DA LIBERDADE. Disponível em:
<<http://www.forumdaliberdade.com.br/novo/apresentacao.php>> Acesso em: 24 set 2008
- FRANCO, Augusto de. Disponível em:
<http://augustodefranco.locaweb.com.br/outros_textos_comments.php?id=145_0_3_0_C> Acesso em: 29 out. 2007
- FREETHWORLD. Disponível em: www.freethworld.com
- GCR. Disponível em: www.gcr.weforum.org
- GGDE. Disponível em: <<http://www.ggdc.net>>
- GUANDALINI, G.; BORSATO, C. Enfim um país normal. **Revista Veja**, 7 maio 2008, p. 56-59.
- INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>
- KOF Instituto de pesquisa conjuntural da Escola Federal Politécnica de Zurique (ETHZ), 1972-2005.
- LAMB JR., Charles W.; HAIR JR., Joseph F.; MC DANIEL, Carl. **Princípios de marketing**. Trad. Luciana Penteado Miquelino. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2004.
- MARTINS, A. R P. ; FERRAZ, F T ; COSTA, M M da. Sustentabilidade Ambiental como Nova Dimensão do Índice de Desenvolvimento Humano dos Países. **Revista do BNDES**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 26, p. 139-162, dez. 2006.
- Martins, P. G. e LAUGENI, F. P. **Administração da produção** 2.ed. rev. aum. e atual. São Paulo: Saraiva, 2006.
- MATTAR, F. N. **Pesquisa de Marketing**. São Paulo:Atlas, 1992. 2v.
- ONU. **Conferência das Nações Unidas sobre meio ambiente e desenvolvimento**.
- PNUD – PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. Relatório, 2008.
- PASTORE, Affonso Celso et al. **Brasil globalizado: o Brasil em um mundo surpreendente**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
- PNUD. Disponível em:
<http://www.pnud.org.br/arquivos/rdh/rdh20072008/hdr_20072008_pt_complete.pdf PNUD, 2008.>
- PNUD. Disponível em: <<http://hdr.pnud.org/en/humandev/>>, Acesso em 11 jan, 2008.
- SLACK, N. et al. **Administração da produção**. São Paulo:Atlas, 1997.
- SWISSINFO. Suíça é o quarto país mais globalizado do mundo. Disponível em:
<<http://www.swissinfo.org/por/capa/.html?siteSect=105&sid=8607814&cKey=1200044246000&ty=st>> Acesso em: 11 jan. 2008
- UNCTAD. World Investment Report (WTR), 2006.
- VEIGA, J. E. **Do global ao local**. Campinas:Armazém do Ipê, 2005.
- WIKIPEDIA. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/G8#Hist.C3.B3rico_do_G8>
- WORLD BANK. Disponível em:
<worldbank.org/WBSITE/EXTERNAL/COUNTRIES/ECAEXT/RUSSIANFEDERATIONEXTN/0,contentMDK:21054807~menuPK:517666>
- WTO WORLD TRADE 2007, PROSPECTS FOR 2008**. PRESS RELEASES Press/520/Rev.1 , 17 Apr. 2008.